



ESPAÇO AGRÁRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS NA REGIÃO DO BREJO PARAIBANO: O Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB)

*Emmy Lyra Duarte¹
María Franco García²*

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado em fase de conclusão intitulada “Relações de Gênero, Lutas e Mobilização Social: O Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba - MMT/PB”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba. Compreendemos que as relações de gênero são produtos e processos sociais, com ideias, valores e papéis sociais definidos, desiguais e hierarquizados para homens e para mulheres. Assim, surgem concepções ou convenções sociais pré-definidos para as mulheres como as tarefas e os lugares sociais muito bem delimitados dentro do espaço privado. A partir dessa compreensão, focamos em entender as principais características no espaço agrário da microrregião do Brejo paraibano, onde a luta pela terra e por melhores condições de trabalho aglutinaram um determinado grupo de mulheres na luta pelo seu espaço não apenas como trabalhadora ou camponesa, mas também como mulher: o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo (MMB) e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB). Utilizamos como metodologia o levantamento bibliográfico, documental, fotográfico e pesquisa de campo. Em nossa pesquisa, pudemos constatar a emergência do MMT/PB em ainda trazer ao debate atual a condição de mulher e trabalhadora para as mulheres trabalhadoras rurais do Brejo paraibano e a necessidade de reavaliar as principais diretrizes de atuações do MMT/PB no processo de aglutinação dessas mulheres para a constituição e continuidade da luta do MMT/PB na Paraíba.

Palavras-chave: Gênero. Movimentos Sociais. Trabalhadora Rural.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba; Pós-Graduanda à Nível de Especialização do Curso de Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal de Pernambuco; Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho – Seção Paraíba (CEGeT/PB) e da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidades da América Latina – REGGSAL; emmy.lyra@gmail.com.

² Docente do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba; Coordenadora do Centro de Estudos de Geografia da Paraíba – Seção Paraíba (CEGeT/PB); mmartillo@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Uma das reações das desiguais e opressivas de gênero no espaço agrário paraibano surgiu na década 1980 o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo (MMB) e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB), que articularam um grupo de mulheres trabalhadoras rurais na microrregião do Brejo paraibano.

Historicamente a microrregião do Brejo paraibano caracterizou-se pelo monopólio do grande latifúndio monocultor de cana-de-açúcar, que reorganizou as relações de trabalho e de produção da região. A exploração desses trabalhadores junto à expropriação camponesa da terra propiciou a emergência da organização da classe trabalhadora em espaços políticos de representação como os Sindicatos Rurais (STRs), as Pastorais Rurais (PRs) e os Movimentos Sociais no campo.

Nesse processo de territorialização por melhores condições de trabalho no espaço agrário e de luta por terra, para nela trabalhar, destaca na região à participação das mulheres trabalhadoras rurais. As mulheres se fizeram presentes nos espaços de representação de classe e passaram a ampliar sua consciência política na hora de se colocar contra os mecanismos de exploração de classe que o capital exerce e contra as “convenções sociais” de gênero funcionais a este.

O Sindicato Rural e as Pastorais Rurais do Brejo paraibano consolidaram para essas mulheres à possibilidade de articularem-se em um espaço político diferenciado, que conseguisse responder às suas demandas, enquanto mulheres e trabalhadoras rurais.

1 O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo (MMB): ruptura com o sindicalismo de Alagoa Grande/PB

A partir da década de 1980, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais começaram, como afirma Novaes (2002, p. 222): “[...] a conviver com lutas por melhores salários, lutas por uma política agrícola diferenciada entre pequenos agricultores e luta pela terra.” Nessa mesma época, toma-se como referência



Comissão Estadual de Mulheres da CUT - PB e além de candidata a vereadora por algumas vezes pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Esse movimento autônomo surgiu da necessidade e da preocupação das mulheres de terem uma maior formação sobre seus direitos e sua condição de trabalhadora rural, pois nessa época era visível a dificuldade que essas mulheres tinham em inserir-se nos sindicatos e participarem das assembleias. O movimento denominado como de mulheres não tinha como objetivos específicos apenas à luta por melhores condições das mulheres, mas da classe trabalhadora como um todo. Para o MMB a luta por direitos iguais entre homens e mulheres não era apenas a única característica, mas, fazia parte do contexto de luta, de representação de classe, focados desde a época de Margarida.

A conscientização política das mulheres foi o primeiro passo dado pelo o MMB para a compreensão da necessidade de emancipação como trabalhadoras na região do Brejo Paraibano. Em Alagoia Grande, o MMB organizava palestras com entidades acadêmicas e representantes políticos como a CUT, FETAG, entre outros. Havia reuniões semanais no STR Alagoia Grande, incentivando a participação das mulheres no meio sindical, tentando inserir-las no ambiente político e as retirando do processo alienatório que as rodeavam no ambiente familiar.

Era justamente com esse discurso que as representantes do MMB tentavam conscientizar a mulher que sua condição subordinada ao servir e cuidar o homem delas mesmas não era algo natural socialmente e culturalmente, uma lei da vida, mas sim uma condição imposta às mulheres em uma organização social que tinha como centralidade o homem, e como desdobramento perverso o machismo. Uns dos motivos que também dificultavam a inserção das mulheres aos sindicatos era o fato delas não saberem nem ler e nem escrever, principalmente no início do STR Alagoia Grande.

No ano de 1991, morre em um acidente automobilístico Maria da Penha secretária do STR Alagoia Grande e secretária da CUT-PB. Depois da perda de Penha, o MMB começa a ter dificuldades em fazer-se presente no âmbito do STR Alagoia Grande, pois não há incentivo financeiro e nem de espaços para debate por



parte do sindicato. Podemos afirmar isso através das falas da ex-coordenadora do MMB e da atual diretora do MMT:

Depois da morte da companheira Penha, que foi em 1992, a gente ficou em dificuldades financeiras, os projetos não eram apoiados, a gente enviava projetos para as entidades, mas voltavam negados. E a posição do sindicato no movimento foi neutra, a gente não teve apoio do sindicato depois da companheira Penha. [...] Hoje o sindicato tem condições porque ele recebe contribuições fixas e uma quantia alta, se comparado com antes. Na época, nos botamos carros de som, nas portas dos bancos, entre outros, comunicando a falta de interesse do sindicato e o por quê desse desinteresse. Só que existem assim opiniões e opiniões, o objetivo do movimento era um e o do sindicato era outra, completamente diferentes (Ex-coordenadora do MMB, Alagoa Grande).

Essa fase de crise do movimento de mulheres dentro da esfera sindical teve como consequência a incorporação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano (MMB) em 1994 ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB).

2 O Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB) e as Pastorais Rurais

Além da atuação dos Sindicatos Rurais, no Brejo paraibano também esteve diferencialmente presente a Igreja Católica⁴. Ela serviu de porta de entrada dos camponeses e camponesas, trabalhadores e trabalhadoras rurais no debate sobre a injustiça social no campo e o processo de expropriação camponesa.

Com base na Teologia da Libertação, a CPT no Brejo paraibano e as Pastorais Rurais dos municípios, como Guarabira e o conjunto das cidades que compreendem a Pastoral da Diocese, vivem o que Cardoso (1993, p. 44) afirma como “época da Luz”. Nesse momento de organização dos camponeses pela Igreja Católica, na década de 1980, destacava a participação do Padre Dom Marcelo em Guarabira e a vinda de algumas religiosas que compuseram os grupos de base da

⁴ Sobre a ação detalhada da Igreja no processo de luta pela terra na Paraíba, ler: MITIDIERO JUNIOR, M. A. **A ação territorial de uma igreja radical: Teologia da Libertação, luta pela terra e atuação da Comissão Pastoral da Terra no estado da Paraíba**. São Paulo: USP, 2008.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Uma das questões problematizadas pelo Setor de Mulheres da CPT era a necessidade de sindicalização, como forma de luta pela ampliação dos seus direitos como trabalhadoras. Ocorria em vários STRs do Brejo a rejeição e até negação desse direito a essas mulheres, já que o espaço sindical era entendido como necessariamente um espaço masculino.

A luta pela sindicalização dessas mulheres contribuiu para o amadurecimento, crescimento e reconhecimento social do grupo, e por outro lado, essas mulheres percebem que essas discriminações sentidas por elas nesses determinados espaços, a necessidade de criar um espaço que possam atuar livremente, fazendo surgir o desejo de debater suas questões em espaço próprio (SILVA, 1995).

Essas mulheres ainda trabalharam por um ano como Setores de Mulheres da CPT, porém a dificuldade de assumir o debate específico sobre o papel da mulher na sociedade e as relações assimétricas de gênero, a dupla jornada de trabalho, salário inferior ao dos homens e o machismo enraizado naturalmente por esses espaços, propunha um risco às relações sociais tradicionais reforçados não só no âmbito do lar mas como nos espaços de reivindicações. Com isso, Silva (1995, p. 47) afirma que essas mulheres aproximam-se de outros grupos de trabalhadoras, como as professoras e empregadas domésticas do espaço urbano, e ampliando-se as questões trazidas para o debate, que se somam e se colocam no campo da inquietação sobre o lugar da mulher na sociedade. O grupo não é mais um setor, mas um movimento.

Essas mulheres, junto a Associação de Empregadas Domésticas, organizam o Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB) no ano de 1981. O MMT/PB começa a canalizar através das trocas de experiências entre essas mulheres o debate que não é apenas a questão sobre a luta pela terra o foco, mas a relação dessas mulheres com a terra e com o trabalho. Como afirma Silva (1995):

[...] a ruptura com a pastoral dá-se no campo simbólico, organizativo e temático. No campo simbólico, temos o início do processo de (re) elaboração da concepção do estilo de vida pelas mulheres, fornecida pela descoberta de sua condição de existência e de uma proposta de mudança dessas condições, somada à descoberta de direitos, na forma de ampliação da dimensão existente. A relação de poder entre homens e mulheres é repensada e seu lugar no espaço social é questionado. Ultrapassa-se a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



fronteira demarcada pela instituição religiosa. No campo organizativo, temos uma (re) estruturação do grupo fundamentada num modelo de organização coletiva que toma como centro do debate a problemática da trabalhadora. Supera-se a visão anterior (p. 51-52).

O MMT/PB passou a ter como sede a cidade de Pirpirituba e organizou-se nos municípios localizados na microrregião do Brejo Paraibano. O MMT/PB organizou-se por meio de um ou dois representantes por municípios, sendo uma delas sua diretora municipal responsável pela representação do movimento.

As atividades desenvolvidas prioritariamente eram reuniões de base, cursos de formação e de capacitação, e oficinas de artes. Esses espaços de diálogo aconteciam em torno de questões e demandas específicas das mulheres trabalhadoras rurais, como: feminismo, sexualidade, socialismo, questões trabalhistas, sindicalização, etc. Em parceria com a Secretaria da Mulher da CUT e do Serviço de Educação Popular (SEDUP/Guarabira) realizou atividades em espaços públicos junto ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo (MMB), como: o I Encontro de Mulheres Trabalhadoras em 1986; as comemorações do 08 de março – Dia da Mulher; o aniversário de morte de Margarida Maria Alves; e o Festival de Violeiras; entre outras atividades.

A partir da compreensão do processo de formação do Movimento de Mulheres do Brejo (MMB) e do Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB), e articulação de ambos os movimentos e suas diretrizes e orientações sobre as questões da mulher trabalhadora rural, analisamos o processo de resistência da coordenação atual do MMT/PB em manter os principais debates sobre as reivindicações atuais das mulheres trabalhadoras rurais do Brejo paraibano.

Na atualidade o MMT/PB em atuar no espaço agrário da região do Brejo combatendo a violência contra as mulheres. Na região existe um elevado índice de ocorrência de violência de gênero, seja física, verbal e psicológica, tanto pelos companheiros como pela sociedade que penaliza às mulheres que não atendem aos papéis de gênero esperados. Grande parte dessas mulheres são de origem camponesa e vivenciam, assim como reproduzem, um código de moralidade fundamentado em papéis muito bem definidos de gênero. O homem camponês deve garantir o abastecimento da família e a mulher o seu “cuidado”.



Esse debate sobre a violência sempre compareceu nos movimentos de mulheres rurais, como o MMT/PB em que colocava como pauta nas discussões de base à violência sofrida dentro e fora do lar. Por isso, com esse fervor do século XXI em torno da conscientização e necessidade de libertação dessas formas de violência por parte das mulheres, que a coordenação do MMT/PB utiliza dos espaços para aglutinar as mulheres trabalhadoras rurais do Brejo Paraibano em seminários, rodas de diálogo e manifestações sempre em parceria com o SEDUP e outros movimentos sociais e entidades do campo e da cidade⁵.

Nos espaços atuais de formação e diálogo proporcionados pelo MMT/PB é notável a necessidade de indagar a compreensão das mulheres do que é ser mulher. As falas nos remetem a conclusões interessantes, pois em todas elas identificamos a compreensão dessas mulheres em afirmarem-se como um sujeito social e político, e a importância dos papéis exercidos por elas na sociedade e de romperem com o lugar que as colocam forçadamente. As principais características extraídas das falas mulheres trabalhadoras rurais que reforçam nossa afirmativa foram: “guerreiras”; “determinadas”; “livres”; “procurar nossos espaços”; “ter respeito”; “ter direito a ser nós mesmas”; “submissão”; “abuso e violência”.

Considerações Finais

Nos espaços de luta pela terra da classe trabalhadora do Brejo paraibano, as organizações de representação de classe como os STRs e as PRs não responderam as necessidades das mulheres trabalhadoras rurais em relação à sua condição feminina. Historicamente o sistema capitalista apropriou-se e reforçou às relações de opressão e exploração impostas as mulheres no espaço privado/doméstico e produtivo através de determinadas características culturais, reforçadas por uma moralidade social e religiosa que as aprisionam na sua condição de subalternidade e inferioridade perante o homem. As mulheres trabalhadoras rurais do Brejo paraibano

⁵ Essas atividades foram detalhadas em nosso resultado de pesquisa de mestrado, ver mais em DUARTE, E. L. **Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB): Mobilização Social, Trabalho e Relações de Gênero**. 2014. 139f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.



organizaram-se em um movimento social autônomo a partir da identificação dessas relações de poder e da sua hierarquização de papéis. Construir práticas autônomas é um dos caminhos da luta para quebrar essa opressão das mulheres e trabalhadoras.

Pudemos identificar que até os dias atuais as mulheres do MMT/PB tem a necessidade de aplicar no cotidiano das atividades do movimento a conscientização de homens e mulheres dessa realidade de opressão perante as mulheres. Como vimos, um dos principais debates surge na temática da violência contra a mulher e no espaço agrário do Brejo, a violência na esfera do lar é algo reproduzido através de uma moralidade de poder do homem sobre a mulher que a legitima e é no combate a essa moralidade que o MMT/PB tenta conscientizar as mulheres e os homens da necessidade de igualdade em todos os espaços públicos e privados até hoje.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, S. R. dos S. **Mulher em Ação**: Um programa radiofônico como prática educacional. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/azevedo-sandra-mulher-em-accao.pdf>.

CARDOSO, M. da C. M. **Uma mão lava a outra: o trabalhador rural e suas lideranças no Brejo Paraibano**. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Campus II, Campina Grande.

MITIDIERO JUNIOR, M. A. **A ação territorial de uma igreja radical**: Teologia da Libertação, luta pela terra e atuação da Comissão Pastoral da Terra no estado da Paraíba. São Paulo: USP, 2008.

MONTEIRO, K. dos S. **As mulheres quilombolas na Paraíba**: terra, trabalho e território. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

NOVAES, R. R. Três mulheres de luta: notas sobre campesinato e Reforma Agrária no Brasil. In: CHEVITARESE, A. L. (Org.) **O campesinato na história**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

SILVA, V. L. de M. **“Movimento de Mulheres ou Mulheres em Movimento”**: O percurso das coordenadoras do movimento de Mulheres do Brejo paraibano. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural, Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande.